

AS CONTRIBUIÇÕES DAS MÍDIAS PARA FORMAÇÃO ACADÊMICA: um estudo de caso do WhatsApp

Andréa KOCHHANN

Keila Cristina Barbosa FERREIRA

GT4 – Mídias, Artes, Educação e Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS)

Resumo: O presente trabalho busca discutir a importância das mídias e das tecnologias no contexto educacional, voltando seu foco para a formação acadêmica, ressaltando a importância do domínio e acesso as tecnologias. Mediante essas questões o problema se efetivou em “Quais as contribuições pedagógicas e as dificuldades do uso do aplicativo WhatsApp no Ensino Superior?”. Assim, o objetivo dessa pesquisa é analisar as contribuições pedagógicas do uso do aplicativo WhatsApp no Ensino Superior. Portanto, a pesquisa de caráter qualitativo e bibliográfico, conta com um estudo de caso do aplicativo WhatsApp, que tem sido um aplicativo que vem conquistando muitos adeptos por sua facilidade de acesso e comunicação. As mídias vêm ganhando espaço cada vez maior na sociedade e tem se feito presente na vida e no cotidiano das pessoas, e na academia não poderia ser diferente. O WhatsApp pode favorecer a aprendizagem, eis o foco da nossa pesquisa.

Palavras-chave: Mídias. Ferramenta. WhatsApp. Ensino.

Introdução

Nos últimos anos vem se destacando por ser um aplicativo baixado em aparelhos celulares com acesso a internet, onde as pessoas conversam, trocam vídeos, áudios e imagens através de mensagens instantâneas e rápidas. Serve como um meio de interação entre pessoas e grupos para entretenimento, estudo e diálogo, facilitando assim a comunicação entre pessoas. No âmbito das universidades é frequente depararmos com alunos que tenham dupla jornada, ou seja, trabalham durante o dia e estudam no período noturno. E que tenham que se deslocar de sua cidade para estudar. O cansaço muitas vezes atrapalha o bom rendimento do acadêmico. De acordo com Moran (2007, p.21) “O ensino tem de surpreender, cativar, conquistar os estudantes a todo momento”.

No caso especificamente do “WhatsApp” que, é um dos aplicativos do celular mais usados, pode contribuir na formação acadêmica e ser considerado como um Ambiente Virtual de Aprendizagem (AVA). Gonnet (2004), busca discutir a influência das mídias no campo social, familiar e escolar, mostrando que a mesma pode servir como um meio de inculcação

voltada para a massa. Embora se for trabalhada de uma forma clara e com fundamentação e auxílio de um profissional pode servir como um meio de acesso da aprendizagem e de comunicação possibilitando o despertar de uma massa desta política de massificação social.

O dispositivo móvel tem se mostrado cada dia mais presente na vida das pessoas se tornando algo indispensável para o cotidiano. Como os componentes do grupo são de várias cidades e trabalham durante o dia, não podendo estar presente para os debates, foram criados grupos no WhatsApp. Temos pelo WhatsApp dois formatos fixos e alguns temporários. Pois, facilita a comunicação e os trabalhos relacionados com aquele evento e apenas com os envolvidos com o evento. Assim, o grupo se efetiva presencial e virtualmente.

Metodologia

O trabalho conta com a colaboração do Grupo de Estudos em Formação de Professores e Interdisciplinaridade – GEFOPi. As conversas foram observadas durante um ano, tendo aplicação de questionário com os componentes do grupo através do próprio aplicativo e com a coordenadora do grupo, estendendo ainda a pesquisa a 30% dos acadêmicos e docentes do 2º e 4º do ano do curso de Pedagogia, da Universidade Estadual de Goiás, Câmpus São Luís de Montes Belos. Também uma entrevista com o autor José Moran.

Uma pesquisa sobre o Whatsapp como mídia educacional

O grupo “GEFOPI” foi criado antes do “GEFOPI em Ação”, para tanto as conversas e os assuntos aparentam o mesmo teor entre os grupos, embora cada qual com uma abordagem um tanto diferente. O “GEFOPI” foi criado em 18 de março de 2014, para discussões teóricas, avisos de eventos, reuniões, decisões de trabalhos, divisões de função, entre outros aspectos relativos ao grupo de Pesquisa e Extensão GEFOPi. O grupo GEFOPi conta com a colaboração de 31 integrantes dentre estes alguns saíram e voltaram. No período de observação foram adicionados cerca 37 pessoas e 16 pessoas saíram do grupo (duas delas foram adicionadas novamente). O grupo utiliza dos diferentes recursos fornecidos pelo aplicativo de modo que em 251 conversas utilizaram emoções e tiveram 630 mídias otimizadas, como fotos, imagens, vídeos e áudios.

O grupo apresenta um grande número de discussões supérfluas, de modo a constatar pouco embasamento teórico. A uma única discussão teórica encontrada nas análises aborda como tema os paradigmas cartesianos e holísticos. Infere-se que seja pelo fato que após a

criação do grupo “GEFOPI em Ação”, as discussões teóricas passaram a acontecer nele, dividindo os assuntos por grupos. O grupo de conversa em geral, também é bem movimentado e todos participam bastante, reforçando os laços de amizade. Nesse grupo percebemos que o movimento vai para o lado da amizade do que da teoria. O que também é muito importante. A academia não se faz somente de teoria, o ser humano é o principal.

O “GEFOPI em ação” foi criado em 04 de junho de 2014, para debates, discussões de eventos e trabalhos desenvolvidos pelo grupo, possui 40 componentes dentre estes alguns saíram e voltaram, mais em seu total durante o período de observação foram adicionados 64 pessoas, 25 saíram e 1 foi removido sem motivo apresentado. No “GEFOPI em Ação” encontra-se conversas de diferentes fins como avisos de reuniões e trabalhos para apresentarem ou publicarem, eventos que poderão participar e publicar trabalhos, convites para debates em outros lugares e cidades, debates teóricos e assuntos diversos.

Dentre os debates teóricos presentes no grupo destacam e tiveram maior influência de participação dos componentes foram sobre David Ausubel, Aprendizagem significativa, mapa conceitual; Chomsky- Teoria Inatista; Noção de tempo e espaço com Piaget e Einstein; Formação de professores; Maiêutica; Materialismo histórico dialético; Transdisciplinaridade e ecoformação. No entanto o que se observa é que mesmo com tanta variedade de integrantes alguns participam mais que os outros, na maioria dos debates notam-se a presença de quatro integrantes com maior frequência e contribuições, outros participam poucas vezes de modo simbólico, mais ainda assim em um grupo com tal teor teórico e criado especialmente para debates e discussões possuem integrantes que apenas visualizam e não participam.

Observa-se a participação de poucos nos debates, no entanto no decorrer das conversas apresentam-se diferentes debates e para cada debate, pessoas diferentes atribuem informações. Infere-se que talvez seja por suas diferentes qualificações e áreas de pesquisa. Os integrantes podem contribuir com as áreas que possuam maior conhecimento relacionado e abstrair da colaboração dos colegas o que mais o interessar de modo a contribuir com a construção de seu conhecimento. Os grupos possuem 27 componentes em comum, tendo GEFOPI apenas 04 integrantes que não fazem parte do GEFOPI em Ação e o GEFOPI em Ação possui 13 componentes que não participam do GEFOPI, ao somar a quantidade de pessoas nos dois grupos chega-se ao total de 44 pessoas que integram o grupo de estudo GEFOPI.

A partir da entrevista com a coordenadora do GEFOPI foi possível perceber que a mesma encontrou no WhatsApp uma forma de se comunicar rapidamente e com todos os componentes ao mesmo tempo e sem precisar marcar encontro presencial. Se torna muito importante para esclarecer dúvidas imediatas dos componentes. Antes do WhatsApp era bem

mais complicado a comunicação, justamente porque os componentes residem em outras cidades ou trabalham durante o dia. Alegou também, que ao participarem das palestras do GEFOPi ou de eventos podem fotografar ou filmar partes que julgam mais importantes e enviar para o grupo instantaneamente.

A coordenadora do GEFOPi apresentou que nem tudo é maravilhoso com o WhatsApp. Alguns componentes não participam mesmo com essa ferramenta interessante. Acredita que pode ser porque gostam apenas de acompanhar sem se envolver teoricamente ou por descaso, que infelizmente ainda existe, mesmo no Ensino Superior. Outra questão é que alguns do grupo ainda não tem WhatsApp. Alguns por falta de interesse e outros realmente, por falta de condições financeiras. Apesar que o número é pequeno. Outra questão é que às vezes os componentes do grupo misturam os assuntos, ou seja, conversam questões particulares nos grupos do GEFOPi.

Uma das dificuldades encontradas na pesquisa foi a aplicação do questionário aos participantes do “GEFOPi”, aplicados pelo WhatsApp. A primeira vez que foram lançadas as perguntas no aplicativo no dia 03 de setembro de 2015, não foi obtida nenhuma resposta. Que se fez necessária aplicação do questionário aos integrantes dos grupos no modo privado. Foram recebidas 14 respostas desses questionários privados e 6 recebidas pelos grupos, somando um total de 20 respostas, sendo que nos dois grupos somam 44 integrantes. Destaca-se que 3 desses integrantes não fizeram parte da pesquisa, pois são a coordenadora do grupo que foi desenvolvido entrevista a parte e as acadêmicas que desenvolveram a presente pesquisa. Aos poucos que responderam vale ressaltar o comprometimento com o GEFOPi, e a importância do aplicativo mediante as decisões e discussões relativas ao grupo.

O questionário apresentava 3 questões, que buscavam compreender se o aplicativo de fato tem contribuído com o grupo, seus pontos positivos e negativos, e partindo do GEFOPi quais os grupos criados no WhatsApp somaram aos integrantes valores acadêmicos, visando que não existem apenas o “GEFOPi” e o “GEFOPi em Ação” ligados ao GEFOPi, no entanto a pesquisa se limitou apenas nos dois grupos citados. Ao modo que os integrantes entre os outros grupos são praticamente os mesmos.

De acordo com a primeira questão apresentada: Considerando o uso do WhatsApp pelo GEFOPi, como o mesmo favoreceu para o seu desenvolvimento acadêmico?. Os integrantes responderam de diferentes formas, mas comprovaram o que vem sendo ressaltado ao longo do desenvolvimento desta pesquisa, que o aplicativo possibilita e facilita a comunicação entre os componentes que estão em locais diferentes, rompendo as barreiras da distância geográfica e contribuindo para o amadurecimento e construção do conhecimento.

E assim afirmando que o aplicativo tem dentro do grupo a função de construir e contribuir com o conhecimento científico, mas que poderia ser melhor aproveitado pelos integrantes. O que vem afirmar a segunda pergunta que se refere aos pontos positivo e negativos do aplicativo no GEFOPi. Os principais pontos negativos apresentados pelos entrevistados foram que a finalidade dos grupos é para discussões teóricas, no entanto utiliza-se o mesmo para outros fins.

GA3- 2. Há sempre o que melhorar em tudo, mas não tenho nenhuma consideração negativa a fazer sobre o grupo. Às vezes tem fuga do assunto central do grupo, mas considero tão importante quanto o assunto central relacionado ao grupo, pois são, na maioria das vezes formas de descontração, o que ajuda as pessoas a se sentirem mais confortáveis no grupo para compartilharem ideias, além de ser uma forma eficiente de aprendizado.

Pelos apontamentos feitos dos entrevistados se percebe que houve mais apresentações de sugestões para a melhoria do grupo do que de fato pontos negativos, deve-se ressaltar e dar preferências aos assuntos de fato acadêmicos, incluindo em seu uso efetivo discussões teóricas e aspectos mais relativos às necessidades do grupo. Em sua maioria os integrantes que responderam o questionário ressaltam não ter pontos negativos para apresentarem até o dado momento da pesquisa, atingindo satisfação em sua aplicação e modo de usar.

Outro ponto levantado na pesquisa foi sobre os grupos temporários, criados a partir do GEFOPi, quais contribuíram mais com o envolvimento, crescimento e contribuição acadêmica. Relativo ao “GEFOPi”, “GEFOPi em Ação”, “Rumo a Goiás”, “Rumo a Inhumas”, “Rumo as Férias”, “Evento em Goiânia”, “Trabalho”, “Pra Argentina”, “Rumo às Aulas”. Sobre os grupos temporários os integrantes ressaltam que:

GA8 - 3. Rumo a goiás, a inhumas, as férias, as aulas, e gefopi, gefopi em ação Todos tem sua importância, cada um em seu momento.

GA1 - 3 . nos eventos citados participei de alguns como em Goiás e em Inhumas. Todos contribuíram para a minha formação pessoal e social. Possibilitando meu crescimento na escrita e na oralidade. Além do que, é a oportunidade de socializarmos os nossos conhecimentos.

GA3 – 3. Não participo nem do “Trabalho” e nem do “Pra Argentina”. Considero os grupos uma forma muito eficiente de resolução de problemas e/ou dúvida, uma grande economia e tempo, essencialmente para o melhor rendimento dos trabalhos.

GA12 - 3. Participo do GEFOPi em ação e GEFOPi. Considero os dois importantes, pois ambos trazem discussões teóricas de grande valia. E também estão sempre disponíveis pra ajudar, tirar dúvidas e nos passar informações sobre programações, reuniões e eventos.

Como observado independente de que grupo fazem ou fizeram parte, prevalece a importância de cada um e qual o objetivo a ser atingido pelo mesmo dentro da proposta inicial, prevalecendo a importância acadêmica. Alguns ressaltaram o Pra Argentina como mais importante, de modo a argumentar que foi um evento a nível internacional, aumentando a quantidade de demandas. Infere-se que o aplicativo utilizado pelo grupo, atinge a maioria dos integrantes, alcançando uma satisfação pelos mesmos, relativo às propostas do grupo. Para cada evento é criado um grupo no qual discute as particularidades de suas obrigações, funções e apresentações. Em suma os avisos são colocados nos grupos GEFOPi e GEFOPi em Ação, pela maior parte das pessoas envolvidas nos trabalhos do GEFOPi.

O trabalho contou ainda com a colaboração da mestrandia Ândrea Carla Machado de Moraes, componente do grupo GEFOPi, que esteve presente a uma palestra ministrada por José Manuel Moran que concedeu a ela uma entrevista para o enriquecimento da pesquisa. A entrevista concedida pelo o autor foi em uma palestra, na UEG, Câmpus Jundiá, no III Seminário de Educação, Linguagem e Tecnologias, no dia 22 de setembro de 2015. Ao ser questionado sobre o que ele pensava sobre o uso pedagógico do WhatsApp, o autor disse

Esse é um tema tão novo. O WhatsApp, eu ainda não pesquisei como pesquisador, mas estou pesquisando num curso que eu estou ministrando on-line de como o whatsapp é interessante como um elemento dinamizador do grupo. Eu tenho um ambiente mútuo, pois tem o facebook e o whatsapp e são três ambientes para o mesmo curso, eles se complementam. O whatsapp os alunos, usam muito mais do que o facebook. Usam mais como elemento de comunicação, de troca, cria um elemento afetivo agregador muito interessante. As vezes cria também algumas dispersões é normal, ele é muito interessante mais não é sozinho. Não sozinho assim como aplicativo, tem coisas que precisam ter uma certa organização. O outlook traz algumas coisas que o whatsapp não tem, o facebook também traz alguns elementos bem dinâmicos, mais para os jovens principalmente ele vem facilitar a escrita e trocas de vídeos.

O autor vem reforçar a dificuldade de se discutir o assunto uma vez que o tema é novo e tem levantado inúmeras indagações, e as pesquisa do aplicativo enquanto fonte de ensino, ainda não tenha se estabelecido entre os profissionais. Embora com o seu de pesquisador ele tem percebido que o aplicativo tem auxiliado os seus alunos a estabelecer comunicação e troca de informações, uma vez que os cursos on-line têm esta dinâmica de os integrantes morarem longes e se encontrarem pouquíssimas vezes. E o que vem fortalecendo a comunicação, a troca e esclarecimentos de duvidas é o aplicativo, que vem se fazendo presente ao cotidiano do individuo, estabelecendo ainda vinculo afetivo entre o grupo.

O que se destaca na fala do autor é que o aplicativo é interessante e deve ser utilizado em conjunto. Ele não é exclusivo e tem suas peculiaridades e deficiências, de modo que um possa complementar o outro. E seu uso deve ser de modo organizado e para fins devidamente necessários ao usuário, pois o uso das tecnologias se dá por meio da mediação e preparação do professor enquanto agente do conhecimento.

Outra proposta da pesquisa para análise foi um questionário, com 5 questões fechadas e 1 aberta, aplicado com 30% dos acadêmicos do curso de Pedagogia da Universidade Estadual de Goiás Câmpus São Luís de Montes Belos, que busca apontamentos dos acadêmicos enquanto o uso do aplicativo em seu contexto universitário e pessoal. Se de fato o aplicativo está presente e facilita a comunicação e construção acadêmica, como visto no GEFOP. O questionário foi elaborado e desenvolvido no Curso de Pedagogia nas turmas do 1º, 2º, 3º e 4º ano no Câmpus São Luís de Montes Belos.

A primeira questão foi se os acadêmicos utilizam o aplicativo do WhatsApp. Na turma do 1º e 2º ano 100% dos acadêmicos utilizam o aplicativo, o 3º ano 70% utiliza o aplicativo sendo que 30% dos entrevistados não utilizam o aplicativo. A turma do 4º ano 90% da turma utiliza o aplicativo e apenas 10% não utilizam o aplicativo. Segundo Honoratos e Reis (2014, p.2) “Os jovens aderiram e gostam de utilizar o aplicativo WhatsApp, portanto é uma oportunidade da educação aderir ao aplicativo para administrar um apoio as dúvidas dos alunos em grupos formados no WhatsApp”.

Outro questionamento foi no tocante a frequência de uso do aplicativo. No 1º ano a frequência que se utiliza o aplicativo pelos acadêmicos acontece 50% de forma intensa e 50% de maneira moderada. O 2º ano utiliza com 60% intensamente e 40% moderado. 3º ano utiliza 30% intensamente, 40% moderado e 20% raramente. Já o 4º ano utiliza 40% intensamente, 30% moderado e apenas 10% utilizam raramente. Outro questionamento foi sobre os assuntos mais usados nas discussões do aplicativo. As respostas foram principalmente para conversar com amigos. O uso do aplicativo para estudo varia muito por turma, no 2º ano 90% dos acadêmicos é o que mais usam o aplicativo para esse fim, seguido do 1º ano com 75%, pelo 4º ano com 50% e por ultimo o 3º ano com o menor índice com 30%. A pesquisa também buscou saber se os docentes utilizam do aplicativo do WhatsApp.

De acordo com as respostas do questionário da turma do 1º ano, 60% responderam que mais de dois dos professores utilizam o aplicativo para informar os acadêmicos de algum assuntos relacionado a universidade, sendo que na mesma turma 40% responderam que a maioria dos professores utilizam do aplicativo. A turma do 2º ano, 40% acadêmicos responderam que mais de dois professores utilizam e 60% responderam que a grande maioria

dos professores utilizam o aplicativo. No 3º ano 45% responderam que mais de dois docentes utilizam e 45% responderam que a maioria dos professores utilizam o WhatsApp na mesma sala segundo as respostas do questionário 10% dos docentes não usam o aplicativo. No 4º ano 30% dos acadêmicos responderam que apenas um docente utiliza o aplicativo, seguido de 50% para mais de dois docentes que utilizam o aplicativo e teve também alguns acadêmicos que responderam que 20% não utilizam o aplicativo.

Outro ponto importante sobre o uso do aplicativo do Whatsapp pelo docente é saber em qual frequência se é utilizado. O 1º ano respondeu que 55% dos professores participam poucas vezes ativamente no grupo e 45% responderam que quase sempre os professores participam do grupo da sala. No 2º ano 10% dos acadêmicos responderam que poucas vezes os professores participam ativamente no grupo e 90% responderam que quase sempre os professores estão ativos no grupo. No 3º ano 50% dos professores participam ativamente poucas vezes, 30% quase sempre e 10% respondeu que nunca utilizam ativamente e 10% não responderam por não utilizar do WhatsApp. No 4º ano 10% dos acadêmicos alegaram que raramente os professores participam ativamente no grupo, 50% responderam que poucas vezes, 40% responderam que quase sempre.

A pergunta do questionário aberto foi “Quais os pontos positivos e negativos do uso do WhatsApp na universidade?”. Alunos do 3º e 4º ano disseram que o aplicativo é uma ótima ferramenta de difusão de comunicação entre professores e alunos, no entanto o aluno que não tem disponível o aplicativo fica prejudicado.

3B: Não faço uso do aplicativo, as vezes não tenho conhecimento de algumas atividades orientadas através do mesmo.

3D: Pontos negativos, não tenho Whatsapp e fico desatualizada das informações sobre aulas, trabalhos e tudo relacionado, ao grupo dos acadêmicos.

3E: O negativo é porque quando avisa pelo WhatsApp eu não fico sabendo.

3J: Ponto positivo é que esse aplicativo facilitou muito a comunicação para os que moram em outras cidades e os daquitambém, um ponto negativo é que as pessoas que não têm ficam sem as informações.

4T. Ponto Positivo: Acesso mais rápido nas informações. Ponto Negativo: Nem todos os acadêmicos possui WhatsApp.

4V: Ponto Positivo = Comunicação sobre as atividades acadêmicas. Ponto Negativo = Alunos que não têm WhatsApp.

Segundo Demo (2010), as tecnologias estão em todo lugar, porém não são todas as pessoas que tem acesso a ela. No caso do aplicativo muitas coisas podem interferir no uso do mesmo pelo fato de que a pessoa precisa portar um aparelho celular mais moderno. Na pesquisa um grande número de acadêmicos se atentou para a importância do aplicativo como

assevera Moran (2007, p. 98) “Os ambientes virtuais complementam o que fazemos em sala de aula” assegurando que com a utilização do WhatsApp auxilia no estudo, assim como na troca de informação entre os professores e alunos. No entanto esse encantamento pode atrapalhar no desenvolvimento do acadêmico em sala de aula. Pelo fato do aluno não respeitar e discernir o lugar ideal para a troca de mensagens que muitas vezes não tem nada a ver com o conteúdo trabalhado em sala de aula.

Em respostas ao questionário aberto os alunos do 1º e 2º ano apresentam pontos positivos e negativos, ressaltando a facilidade de acesso, a importância da troca e interação entre docentes e discentes e a falta de comprometimento no uso do aplicativo, utilizando dos grupos criados para estudo para fins indevidos. Acadêmicos do 3º ano apontam mais pontos positivos, ressaltando ainda o uso nas horas impróprias o que atrapalha os colegas na concentração das aulas, o que Lévy (1999) salienta sobre isso é que depende do indivíduo o manuseio das mídias. O 4º ano por ser uma turma nos seus períodos finais, destaca que o aplicativo pode auxiliar e facilitar a comunicação entre discentes - docentes e discentes – discentes. Mas assim como nas outras turmas relata o uso indevido para fins desnecessários em grupos criados para agilizar a comunicação e troca de conhecimentos.

O que pode inferir nos quatro anos do curso de Pedagogia da UEG Câmpus de São Luís de Montes Belos, é que o aplicativo está presente entre os acadêmicos e professores, favorecendo a interação entre ambos. Vale ressaltar que os próprios acadêmicos apontam pontos relevantes sobre o uso do aplicativo não só no contexto educacional mais em torno do uso do aplicativo em geral. O uso demasiado e desnecessário, a questão do vício e falta de atenção, a valorização da interação virtual esquecendo-se da interação humana, a troca de informações desnecessárias e sem medidas.

Dos 30% dos acadêmicos que se disponibilizaram a participar da pesquisa apenas um (a) acadêmico (a) do 3º ano tem total aversão pelo aplicativo “3C. Não existe. Não gosto”. Como assegura Demo (2011, p.19) “Há ainda uma minoria que se recusa [...] a usar chances digitais, preferindo modos tradicionais de aprendizagem. Alguns separam rigidamente o mundo fora (cheio de tecnologias) e dentro da escola e não estão interessados em qualquer integração”. Infere-se que para tal atitude ou opinião pode ser atribuído questões variadas entre elas a questão financeira, ou seja, que se desencadeia na exclusão digital desse sujeito criando nele então aversão por tecnologias por não saberem como é que funcionam.

Após questionário com os acadêmicos do curso de Pedagogia, foi aplicado um questionário aberto com os professores do 2º e do 4º Ano de Pedagogia do Câmpus de São Luís de Montes Belos, totalizando 8 professores. Dos oito professores, um deles não pode ser

participe, pois é a professora coordenadora do GEFOPi e orientadora da pesquisa. Valemos de suas contribuições enquanto coordenadora do GEFOPi e como professora, julgamos melhor a não participação, devido ser a que mais utiliza a ferramenta de forma acadêmica e isso poderia induzir o resultado da pesquisa para o lado positivo do uso do WhatsApp. Dos demais 7 professores receberam a pesquisa por meio do e-mail, no entanto a pesquisa contou apenas com respostas de 2 professores 1 do 2º ano e 1 do 4º ano.

A pesquisa contou com duas perguntas que buscavam argumentar se de fato o aplicativo é útil aos professores como ferramenta de ensino e como os mesmos utilizam do dispositivo como ferramenta metodológica. As turmas foram escolhidas de acordo com entrevista realizada com os alunos para comprovar se de fato os docentes fazem uso do aplicativo. Porém, o resultado da pesquisa surpreendeu, como analisado acima o 2º ano é a turma que mais faz uso do aplicativo segundo os dados coletados com os alunos.

Mas o professor P2 respondeu a pesquisa e afirma “Ainda não utilizo o dispositivo como ferramenta de trabalho pedagógico”. Como os demais professores não responderam a pergunta infere-se que talvez este seja um dos poucos professores que não faz uso do aplicativo com a turma. Mais como sua resposta ele sugere, que ainda não faz uso, mais pretende utilizar. Destacando que o segundo ano foi uma das turmas que apresentou maior índice de professores que utilizam o WhatsApp para resolução de assuntos extraclasse.

Já o professor do 4º ano respondeu de modo positivo ao uso do aplicativo, no entanto, foi a turma que apresentou menor índice de professores que fazem uso do WhatsApp para assuntos extraclasse. Neste caso pode-se inferir que alguns professores não visualizaram o e-mail ou realmente não fazem uso como os alunos mencionam na pesquisa, e utilizam o aplicativo para resolução de assuntos monográficos e seus orientadores não fazem parte da equipe docente da turma. A resposta do P4 condiz que o mesmo utiliza o aplicativo para facilitar a comunicação e esclarecimentos de dúvidas referentes às orientações de estágios.

Utilizo o aplicativo para trocar informação sobre as aulas, orientações, agendas de estágio, sugestões de metodologias e referências para atividades nas instituições de estágio entre outras atividades da rotina das aulas, como mudança e ou trocas de aulas.

Como pressuposto o professor destaca que o aplicativo pode sim ser uma ferramenta de troca entre professor e aluno, favorecendo a comunicação e propondo facilidades de acesso. No entanto, P4 ressalta que o uso do aplicativo tem seus pontos negativos.

Vejo como pontos positivos a facilidade na comunicação e acesso á vários acadêmicos ao mesmo tempo, o que favorece agilidade das ações. O que vejo como ponto negativo é apenas a utilização do aplicativo o “tempo todo” inclusive durante as aulas, o que em alguns momentos pode trazer prejuízos ao andamento das aulas e compreensão dos conteúdos propostos.

Ressaltando assim o que é previsto e discutido por Moran (2007), Lévy (1999) e Demo (2009), que as mídias esta por toda parte e podem e precisam serem utilizadas no contexto educacional de forma clara e contextualizada e depende do individuo saber como utilizá-la. E segundo Prensky (2011), os profissionais da educação devem buscar qualificar-se para atender a demanda dos nativos digitais, suprindo as necessidades emergentes das tecnologias.

Considerações finais

As mídias servem como meio de troca para informações, não deixando de destacar que as mesmas podem estabelecer emancipação humana ou inculcar no individuo que a utiliza conceitos de alienação e status quo, como aponta Lévy (1999) isso vai depender de quem a usa, contribuindo assim para a sociedade de vertente capitalista contribuindo para que os paradigmas continuem sendo estabelecidos por meio da massa como aponta Gonnnet (2004). Moran (2007) destaca que a mídia não veio para substituir o profissional da educação, ela veio para dar subsídios e estabelecer meios que facilite a comunicação. Não se pode esquecer que o ensino e a construção do conhecimento se dá por meio da troca e que ambos os mecanismos contribuem para isso, a leitura de um bom livro o dialogo, a discussão e os recursos tecnológicos, mais nada supre a necessidade do ser humano do contato cara a cara, a necessidade de se sentir presente e angustia de estar sozinho.

Referências

GONNET, Jacques. **Educação e mídias**. Edições Loyola, São Paulo, Brasil, 2004.

HONORATO, Wagner de Almeida Moreira. REIS, Regina Sallette Fernandes. **WHATSAPP – uma nova ferramenta para o ensino**. IV simpósio de desenvolvimento tecnologias e sociedade. 2014.

KOCHHANN, Andréa. **A mediação pedagógica e a identidade docente: contribuições do paradigma holístico e das mídias, em especial o computador e a internet**. In: TOSCHI, Mirza Seabra (Org). **Leitura na tela: da mesmice à inovação**. Goiânia: Ed. Da PUC Goiás, 2010.



LÉVY, Pierre. **Cibercultura**. Trad. Carlos Irineu da Costa. São Paulo: Ed. 34, 1999.

MORAN, José Manuel, et al. **Novas tecnologias e mediação pedagógica**. 6. ed. Campinas: Papyrus, 2000

MORAN, José Manuel. **A educação que desejamos: novos desafios e como chegar lá**. Campinas: Papyrus, 2007.